



Precursor e Mestre

Aproveitarei o pouco tempo de que disponho para destacar, entre muitos outros, três encontros com Gonçalo Ribeiro Telles que, para além de me terem enriquecido muito, mostram parte da extraordinária importância da sua vida, dos seus ensinamentos e da sua acção.

Convido-vos a recuar no tempo algumas décadas até 1967. Os portugueses viviam num regime ditatorial envelhecido que não respeitava os direitos humanos nem garantia as liberdades fundamentais, que estava envolvido em três guerras coloniais e que impunha à grande maioria da população graves carências no acesso à saúde, à educação e à habitação, bem como um baixo nível e uma má qualidade de vida.

Com a coragem que todos sempre lhe reconheceram Gonçalo Ribeiro Telles combateu sempre contra aquele



POR
Pedro Roseta

Antigo Deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República e Presidente do Grupo Parlamentar do PSD

regime, pela liberdade e pela dignidade das pessoas.

Em Novembro do referido ano um temporal excepcional provocou inundações muito grandes das quais resultaram mais de quinhentos mortos,

muitos feridos e enormes destruições nos subúrbios a Norte de Lisboa.

As Associações de Estudantes e a Juventude Universitária Católica, das quais também eu era membro, ao tomarem conhecimento da situação de verdadeira catástrofe e certamente estimuladas pela vigorosa e esclarecedora intervenção televisiva que Gonçalo conseguiu fazer no único canal existente, resolveram apoiar fortemente a vontade de muitos milhares de estudantes de irem prestar ajuda às populações. Encontraram-nas completamente traumatizadas, em verdadeiro estado de choque colectivo, e descobriram as péssimas condições em que viviam.

A JUC publicou poucos dias depois um caderno de reflexão preparado pela redacção do seu jornal “Encontro” para explicar as causas da tragédia e a dimensão que atingiu. Era importante esclarecer por que razões ninguém morrera na cidade de Lisboa e as destruições tinham sido pequenas, apesar do temporal, ao contrário do que acontecera logo ao lado.

As peças fundamentais do caderno foram duas excelentes entrevistas concedidas pelos Professores arquitectos Gonçalo Ribeiro Telles e Nuno Portas a uma muito jovem estudante de Arquitectura Helena Salema, mais tarde conhecida com outro nome.

GRT disseçou de forma ao mesmo tempo profunda e quase exaustiva, acessível e pedagógica as causas do que tinha acontecido: a total inexistência de ordenamento do território, a construção de habitações de má qualidade em leitos de ribeiras, a destruição das paisagens e outros verdadeiros crimes ambientais como a impermeabilização dos solos que impediu a infiltração das águas e o seu escoamento natural. Denunciou ainda a desigualdade de uma sociedade que colocava os mais pobres no mais alto grau de risco: o risco de morte.

Apesar do apoio que o Cardeal Cerejeira deu aos estudantes a ditadura vingou-se e o “Encontro” passou a ser submetido à censura prévia.

No entanto, um passo de gigante foi dado: graças a Gonçalo Ribeiro Telles os estudantes e, através deles, muitos familiares e amigos despertaram para a importância vital das questões ambientais e do ordenamento do território. A partir daí ele foi para todos e para mim

também um verdadeiro mestre nestas matérias, um precursor, sempre à frente do seu tempo, mais jovem do que os mais novos, antecipando questões, inspirando soluções, inovando, realizando.

O segundo encontro que quero destacar deu-se a partir de 1979 na preparação da constituição da Aliança Democrática, da qual foi um dos fundadores e um dos três dirigentes máximos.

Não vou repetir o que já foi dito nesta homenagem. Francisco Sá Carneiro admirava-o sobretudo pela sua coerência e pela perspectiva que sempre teve da política e na política. Viveu-a naquilo que ela tem de essencial: a resolução dos problemas da comunidade nacional, aceitando as diferenças mas sabendo superar as divergências partidárias.

Como membro da direcção do grupo parlamentar do PSD trabalhei muitas vezes com ele. Ultrapassava sempre o que era acessório, as querelas instrumentais, os efeitos de anúncio mediático, a procura da fama e sabia bem como era certo o que outros já tinham afirmado: em política a ambição individual é uma paixão infantil (sem ofensa para as crianças, é claro).

A verdade é que foi através da acção política de GRT que aprofundámos a consciência da responsabilidade pela Natureza, o carinho que, seguindo o luminoso exemplo de São Francisco, lhe devemos dedicar. De igual modo descobrimos a importância da atenção ao real concreto destacada por São Tomás. Bastantes anos mais tarde conheci uma obra entretanto publicada, hoje considerada fundamental: “O Princípio da Responsabilidade” de Hans Jonas. Nela encontrei muito do que o meu amigo Gonçalo ensinava: uma herança degradada degradará os herdeiros, a herança embora enriquecida tem de ser transmitida incólume, o desenvolvimento integral de cada pessoa humana dentro de uma Humanidade intacta tem de ser o objectivo de toda a acção.

Quero igualmente destacar o terceiro encontro com Gonçalo Ribeiro Telles que ocorreu num colóquio realizado em Santarém em 2003 para comemorar os 25 anos da fundação da Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural daquela cidade que tem desenvolvido um trabalho muito notável.

Afirmou na sua intervenção que

considerava a paisagem “a mãe de todos os patrimónios”, acrescentando que “sem a salvaguarda da paisagem nenhum património poderá subsistir”.

Em conclusão, penso que o humanismo com muito fortes raízes cristãs do nosso amigo Gonçalo considera a pessoa em geral e cada pessoa em concreto na sua integralidade. Vê-a em relação com as outras, mas também em relação com o meio ambiente do qual se alimenta e que lhe permite expandir a sua personalidade, aperfeiçoando-a especialmente através das suas capacidades de criação e doação.

Mas quem são os outros para Gonçalo? Muitos têm afirmado que a solidariedade, o serviço e o amor ao próximo não podem unir apenas os membros de cada comunidade local ou nacional. Devem uni-los no espaço aos membros de outros povos que vivem na Terra na mesma época, mas também no tempo aos seres humanos que virão depois.

Walter Benjamin extraiu do encontro misterioso entre gerações a convicção de que fomos esperados na Terra. Gonçalo pensa e age também para os vindouros.

Apesar disso o nosso Portugal não é hoje o que ele e tantos de nós queríamos que fosse. Está à vista e vários oradores referiram o resultado da avidez, da especulação, da corrupção, do abuso de excepções que permitem destruir paisagens protegidas.

No entanto graças a Gonçalo e aos que o seguiram foi possível salvar bastante. Introduziram-se novos conceitos e mecanismos de protecção, aprovou-se nova legislação, multiplicaram-se parques e reservas naturais, pensaram-se novos modelos de desenvolvimento sustentável, salvaram-se partes significativas de várias cidades, aparecem os primeiros corredores verdes que Gonçalo propôs há mais de trinta anos, muitos ainda que tardiamente dão-lhe agora razão, novos e belos espaços verdes foram nelas criados ou já reformulados, entre eles este maravilhoso jardim que aqui nesta Fundação hoje nos envolve, direi mesmo que nos abraça...

Estou convencido, por tudo isto, que num futuro mais ou menos longínquo muitos dirão: “Ah, quantos desastres nos deixaram! Mas naquele tempo em Portugal houve alguns que pensando e agindo souberam verdadeiramente esperar por nós”. ■



Francisco Sá Carneiro admirava-o sobretudo pela sua coerência e pela perspectiva que sempre teve da política e na política. Viveu-a naquilo que ela tem de essencial

